



Criminalidade sob a Perspectiva de Winnicott

Stefani Santana dos Santos¹

Resumo: Este trabalho teve como objetivo compreender o conceito de tendência antissocial de Winnicott e aproximá-lo ao fenômeno da criminalidade. A metodologia de pesquisa adotada foi um estudo descritivo de método qualitativo, utilizando-se de revisão bibliográfica não sistemática. Em nosso país, o número cada vez mais expressivo de crimes cometidos causa preocupação geral na população e esse aumento da criminalidade reflete cada vez mais nos gastos com segurança pública, sistema judiciário e sistema prisional. A partir das pesquisas realizadas, foi possível observar dois caminhos do desenvolvimento emocional descritos por Winnicott que levam à tendência antissocial: quando a agressividade instintual do bebê não é integrada na personalidade e quando o bebê se sente privado de algo bom que já existiu em seu ambiente. Em ambos os casos, torna-se fundamental a promoção de um ambiente seguro e de confiança para minimizar os efeitos negativos no desenvolvimento emocional infantil.

Palavras-chave: criminalidade, tendência antissocial, Winnicott.

Crime from Winnicott's Perspective

Abstract: This work aimed to understand Winnicott's concept of antisocial tendency and bring it closer to the phenomenon of crime. The research methodology adopted was a descriptive study with a qualitative method, using a non-systematic bibliographic review. In our country, the increasingly significant number of crimes committed causes general concern among the population and this increase in crime is increasingly reflected in spending on public security, the judicial system, and the prison system. From the research carried out, it was possible to observe two paths of emotional development described by Winnicott that lead to antisocial tendencies: when the baby's instinctual aggressiveness is not integrated into the personality and when the baby feels deprived of something good that already existed in his environment. In both cases, it is essential to promote a safe and trusting environment to minimize negative effects on children's emotional development.

Keywords: crime, antisocial tendency, Winnicott.

¹ Psicóloga. Especialista em Teorias e Técnicas Psicanalíticas. Instituto de Estudos Psicanalíticos. Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: psicologastefanisantana@gmail.com.

Introdução

A criminalidade produz inquietação na sociedade brasileira e em tantas outras pelo mundo. Em nosso país, o número cada vez mais expressivo de crimes cometidos causa preocupação geral na população. Oliveira, Jardim e Teixeira (2021) apresentam um número surpreendente de 65.602 homicídios em 2017, além de abordar a colocação do Brasil nesse mesmo ano como o 9º país mais violento do mundo na classificação da Organização Mundial da Saúde. Os autores também afirmam que o aumento da criminalidade reflete cada vez mais nos gastos com segurança pública, sistema judiciário e sistema prisional. Em 2015, 88 bilhões de reais foram destinados ao policiamento, e 14 bilhões atribuídos ao sistema prisional. No entanto, o investimento público no encarceramento se mostrou ineficaz quando verificado um acréscimo na taxa de reincidência.

Segundo Gonçalves Filho e Pena (2021), o que motiva as pessoas a cometer crimes é objeto de pesquisa em diversos países e envolve variadas áreas de conhecimento, como a psicologia, por exemplo. Em sua pesquisa, constataram que, ao longo dos anos, houve um aumento significativo na quantidade de pessoas no sistema prisional. Os números que em 1990 representavam 90 mil presos passaram para mais de 620 mil em 2016. Os autores apontam um gasto de 373 bilhões de reais em 2016 em setores responsáveis por administrar a violência e a criminalidade, e afirmam que até mesmo a saúde pública tem seu âmbito financeiro afetado com a violência por oferecer tratamento às vítimas e aos criminosos. Além disso, há custos com o sistema previdenciário e com a assistência social. Em 2016, foram destinados 373 bilhões de reais para os setores responsáveis por manejar a violência e a criminalidade, o que equivale a 6% do PIB daquele ano.

A fim de se aproximar do fenômeno da criminalidade, recorreu-se às obras de Winnicott.

Donald Woods Winnicott (1896-1971) foi um médico e psicanalista inglês que trabalhou a princípio com a pediatria em contexto hospitalar e clínico, fazendo uso da teoria psicanalítica para tratar os casos atendidos. Mais tarde, em decorrência da Segunda Guerra Mundial, passou a trabalhar com crianças evacuadas, o que serviu como base para a formulação de sua teoria do desenvolvimento emocional (WINNICOTT, 2005).

O desenvolvimento emocional do ser humano com base nas relações primordiais, especialmente na relação mãe-bebê², foi o que ele se dedicou a estudar (DIAS, 2003). Com a experiência profissional no período de guerra, ele pôde reconhecer ainda mais a importância do ambiente nesse processo e mostrar, através de suas observações, o quanto o ambiente pode favorecer ou não o amadurecimento de uma pessoa (PINTO JUNIOR; SILVA, 2018).

Segundo Winnicott (2000), para alcançar o amadurecimento, o sujeito precisa passar por etapas no desenvolvimento emocional primitivo denominadas por ele de integração, personalização e realização. Essas etapas estão diretamente relacionadas com o cuidado que o ambiente oferece desde o nascimento do bebê. Portanto, o ambiente assume papel fundamental no desenvolvimento: “o processo maturativo depende para a sua evolução da provisão do ambiente” (WINNICOTT, 2007, p. 81).

A integração, para o autor, tem caráter dinâmico e não estático. O sujeito pode alcançar a integração a partir dos cuidados iniciais oferecidos pela mãe ao segurá-lo e manuseá-lo (cuidados denominados pelo autor, em sua língua natal, de *holding* e *handling*), e pode perdê-la se houver situações ambientais adversas. A personalização, por sua vez, se trata de um sentimento de estar dentro do próprio corpo, construído através desses mesmos cuidados físicos. Já a realização refere-se à percepção desenvolvida pelo indivíduo de aspectos da realidade como, por exemplo, a existência de tempo e espaço (WINNICOTT, 2000).

Durante esses processos no desenvolvimento emocional, o bebê passa por um momento no qual a sua sobrevivência depende completamente da mãe, ou seja, há uma dependência absoluta. Em seguida, em dependência relativa, ele já é capaz de se manter por um tempo longe da mãe, embora ainda precise de seus cuidados. E no estágio denominado rumo à independência, é capaz de se relacionar com objetos externos (WINNICOTT, 2007).

A qualidade das relações estabelecidas entre o bebê e as pessoas inseridas no ambiente vai influenciar o amadurecimento desse bebê e impactar seu futuro. No início, quando não é possível para o bebê se diferenciar do outro, a mãe é quem vai sustentá-lo, e o pai fica com o papel de amparar a mãe. Essa dinâmica pode assegurar um desenvolvimento emocional saudável, mas, ao contrário disso, ou seja, se os pais faltarem nesse sentido e o bebê se sentir privado de necessidades essenciais, o amadurecimento ficará prejudicado (OLIC, 2019).

² Atualmente já se expandiu o conceito de relação mãe-bebê para relações com outros cuidadores. No entanto, para fins dessa pesquisa, se utilizará o termo usado por Winnicott.

O trabalho com as crianças evacuadas levou o psicanalista à formulação de uma relação entre privação e delinquência. Winnicott (2000) percebeu que uma falha ou privação propiciada pelo ambiente poderia gerar uma tendência antissocial que faria com que o sujeito direcionasse sua agressividade ao ambiente.

Winnicott (2005) compreende a agressão de duas formas: uma reação à frustração e uma das fontes de energia contidas em um sujeito. Dessa forma, agressividade para o autor tem relação com a motilidade e vitalidade do bebê e existe antes mesmo do nascimento, ao dar chutes no útero da mãe. Além disso, ele entende que a agressividade também se refere à reação diante de um ambiente que ofereceu cuidado insatisfatório. Para o autor, a agressividade é natural aos seres humanos, mas pode se apresentar de maneira distinta em cada um, mesmo quando diferentes indivíduos estão diante de um mesmo problema. Segundo ele, cada pessoa lida com seus impulsos agressivos à sua maneira.

Tommasi (1997) afirma que agressividade é vista nas formulações de Winnicott como algo a princípio positivo, pois a partir dela o bebê pode se movimentar em direção ao outro e se constituir enquanto indivíduo.

A forma como o ambiente manejará a agressividade do sujeito terá influência no direcionamento de sua tendência agressiva. Se o ambiente for capaz de acolher satisfatoriamente a manifestação agressiva, esse sujeito pode então recorrer a opções maduras para o comportamento agressivo, como brincar, por exemplo. Por outro lado, se o ambiente não fornecer os cuidados necessários, a agressividade será escondida, cindida ou poderá resultar em comportamento antissocial (DIAS, 2000).

Segundo Silva e Milani (2015), um ambiente repleto de negligência e abuso, no qual cuidados maternos e paternos são inadequados e as figuras parentais são pouco assertivas, pode ocasionar ou potencializar atitudes antissociais.

Isso ocorre, segundo Winnicott (2005), porque uma sequência de rupturas oriundas do ambiente em um momento ainda prematuro do desenvolvimento do sujeito pode acarretar angústia, sentimento de desamparo e, conseqüentemente, uma busca por estabilidade no mundo externo, com a esperança de que o ambiente perceba a falha e repare o dano causado. Assim, de forma inconsciente, o sujeito reivindica cuidado, compreensão e tolerância por parte do outro.

Em outras palavras, o sujeito foge às regras da sociedade com o intuito de “reencontrar o objeto e a experiência que foram perdidos e de reconquistar a autoconfiança” (MEDEIROS; SANTOS; BARBIERI, 2017, p. 279).

Para Winnicott (2000), tendência antissocial não é um diagnóstico e pode ser encontrada em todas as idades. Seus primeiros sinais podem ser algo que pais e cuidadores consideram normal ou inerente ao desenvolvimento infantil, como a enurese noturna, a hiperatividade, os transtornos alimentares, podendo, porém, evoluir para mentiras, furtos e, em alguns casos, se não houver uma intervenção no momento adequado, se transformar em condutas antissociais graves.

O psicanalista propõe que a tendência antissocial reflete uma demonstração de esperança em recuperar uma experiência boa e positiva que o sujeito teve no início da vida, mas que lhe foi retirada por algum motivo (WINNICOTT, 2000).

Para exemplificar o conceito, Winnicott (2000) apresentou um material clínico. Tratava-se do caso do filho de uma amiga que praticava roubos. O psicanalista se viu impedido de realizar o atendimento em seu consultório por crenças religiosas do pai do menino, se limitando a conversar apenas com a mãe da criança em um restaurante. Quando ela lhe reportou o que estava acontecendo, ele sugeriu que ela, em momento oportuno com o filho, verbalizasse para o menino que aquele comportamento inadequado ocorria por ele sentir falta da mãe. Ela seguiu as orientações do psicanalista, o que resultou na descoberta da fantasia do filho de que os pais não o amavam. A partir desse momento, os roubos não voltaram a ocorrer.

Diante desse cenário, questionou-se: os números aqui apresentados sobre a criminalidade estão relacionados a um aumento daquilo que Winnicott chamou de tendência antissocial? De acordo com Winnicott, é possível identificar fatores que contribuem para comportamentos inadequados ante as leis estabelecidas pela sociedade à qual pertencemos? Na tentativa de sanar essas dúvidas, foi realizada pesquisa baseada na obra do autor mencionado.

Método

O trabalho aqui proposto é um estudo descritivo de método qualitativo, definido por Turato (2005, p. 510) como um estudo cujo pesquisador se mostra interessado em revelar o “significado das coisas, porque este tem um papel organizador nos seres humanos”.

O que as “coisas” (fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, ideias, sentimentos, assuntos) representam, dá molde à vida das pessoas. Num outro nível, os significados que as “coisas” ganham, passam também a ser partilhados culturalmente e assim organizam o grupo social em torno destas representações e simbolismos (TURATO, 2005, p. 510).

A elaboração da pesquisa se baseou em uma revisão bibliográfica não sistemática, que consiste em uma leitura minuciosa de trabalhos já publicados sobre o tema, como capítulos de livros e artigos científicos. Para Gil (2002), as pesquisas bibliográficas possibilitam o acesso amplo aos fenômenos, e pelas fontes bibliográficas é possível encontrar respostas ao problema proposto.

A pesquisa teve como base a teoria de Winnicott sobre tendência antissocial e artigos científicos sobre o tema. O levantamento bibliográfico teve início no mês de abril de 2022, a partir das obras originais do autor e, em seguida, dos artigos científicos disponíveis em plataformas digitais como Google Acadêmico e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), e finalizou em dezembro do mesmo ano.

Os artigos científicos foram buscados através das seguintes palavras-chave: criminalidade, psicanálise, tendência antissocial. Durante as buscas, não houve delimitação dos materiais quanto ao ano em que foram publicados; no entanto, delimitou-se que os artigos estivessem em português. Além disso, houve uma leitura prévia dos resumos dos artigos, que possibilitou a seleção daqueles que se encontravam de acordo com o tema proposto neste trabalho.

Resultados

A partir das pesquisas realizadas, foi possível observar dois caminhos do desenvolvimento emocional descritos por Winnicott que levam à tendência antissocial: quando a agressividade instintual do bebê não é integrada na personalidade e quando o bebê se sente privado de algo bom que já existiu em seu ambiente.

Dessa forma, serão apresentados os caminhos teóricos sobre as tendências antissociais apontados por Winnicott, costurados pela aproximação ao tema da criminalidade.

A teoria do amadurecimento pessoal é o ponto central do pensamento de Winnicott, originalizado a partir da experiência do então pediatra com mães e bebês que apresentavam dificuldades emocionais muito primitivas (DIAS, 2003).

Winnicott (2000) acreditava haver um caminho a percorrer para alcançar a maturidade. Esse percurso inclui a passagem por processos no desenvolvimento emocional primitivo, a saber: integração, personalização e realização. Para o autor, a integração tem início quando o indivíduo nasce, e isso se dá através do cuidado que a mãe oferece ao bebê ao segurá-lo e manuseá-lo. “A integração da personalidade não é alcançada em um determinado dia ou numa determinada época. Ela vem e vai, e mesmo quando alcançada em alto grau pode ser perdida devido a uma situação ambiental adversa” (WINNICOTT, 2000, p. 289).

Para exemplificar um estado de não-integração, o autor pontua uma situação clínica na qual o paciente tem a necessidade de relatar em mínimos detalhes seu final de semana, como se isso o fizesse sentir-se integrado pelo analista. Acrescenta que algo semelhante ocorre com o bebê quando não existe em sua vida uma pessoa capaz de fazer a integração, colocando-o em posição inferior para realizar a tarefa de integrar-se. Assim, talvez ele nunca consiga chegar à integração ou não consiga sustentá-la com confiança, e essa não-integração pode, inclusive, acarretar a dissociação (WINNICOTT, 2000).

Já no que se refere à personalização, o autor diz tratar de um sentimento de estar dentro do próprio corpo, construído através dos cuidados físicos oferecidos enquanto se é bebê. Se houver falha nesse processo, poderemos encontrar a despersonalização na psicose (WINNICOTT, 2000).

E após os processos de integração e personalização, segundo o autor, temos o processo de realização, pelo qual o sujeito desenvolve a percepção de aspectos da realidade como, por exemplo, a existência de tempo e espaço (WINNICOTT, 2000).

Quando a integração é alcançada, passamos para o relacionamento primário com a realidade externa. Aqui, novamente a relação com a mãe é o que vai auxiliar o processo e poderá resultar no primeiro vínculo do bebê com um objeto externo. Em casos de pacientes psicóticos, quase o tempo todo identificamos a falta dessa relação com o mundo externo (WINNICOTT, 2000).

Esses processos de integração, personalização e realização, como dito, dependem da relação do bebê com o ambiente. Essa relação ocorre a partir de três categorias. Em um primeiro momento, de dependência absoluta, o bebê é completamente dependente da mãe. Depois, na dependência relativa, consegue ficar um tempo longe da mãe, embora ainda precise de seus cuidados. Em seguida, no estágio denominado rumo à independência, já é capaz de se relacionar com objetos externos (WINNICOTT, 2007).

Em outras palavras, o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo só é possível através de um ambiente que possa favorecer esse processo. Não se trata de um ambiente capaz de produzir um ser humano da maneira que melhor desejar, mas de oferecer cuidados que permitirão que a criança, com sua tendência hereditária, possa gradativamente amadurecer (WINNICOTT, 2007).

Maturidade, além do crescimento pessoal, resulta em socialização. O indivíduo que alcançou a maturidade se sente identificado com a sociedade, consegue satisfazer suas necessidades pessoais nessa relação e assume sua parcela de responsabilidade para mantê-la ou modificá-la (WINNICOTT, 2007). Por isso “a independência nunca é absoluta. O indivíduo normal não se torna isolado, mas se torna relacionado ao ambiente de um modo que se pode dizer serem o indivíduo e o ambiente interdependentes” (WINNICOTT, 2007, p. 80).

Winnicott (2000) argumentou que, antes mesmo da integração da personalidade, a agressividade já existe. Para ele, um exemplo claro disso está no fato de o bebê dar chutes ainda no útero da mãe. Para o autor, essa atividade no bebê é uma “função parcial” (WINNICOTT, 2000, p. 289), que é convertida progressivamente em agressividade de fato. Atividade e agressividade, para ele, não são completamente intencionais, mas podem ser se o sujeito estiver integrado, ou seja, se houver saúde.

Tommasi (1997, p. 74) reforça que Winnicott considera a agressão “uma tendência a se mover e encontrar algo”. Essa movimentação, para ele, tem um caráter positivo e constitutivo, pois é através dela que o bebê poderá usar o mundo externo e se constituir enquanto indivíduo.

Em outras palavras, no período de dependência absoluta, quando o bebê ainda não se reconhece como indivíduo e não dispõe de um corpo tomado pela psique, a agressividade aparece como tensão instintual e motilidade (DIAS, 2000).

Dias (2000) afirma que as formulações de Winnicott apontam para uma agressividade inerente ao ser humano, manifestada de diversas formas. Para ele, a maneira como o ambiente reagirá à agressividade define como o sujeito vai se encarregar dela. Sendo assim, quando o ambiente oferece um bom cuidado e acolhe a manifestação agressiva satisfatoriamente, o sujeito é capaz de integrá-la à personalidade, fazendo uso saudável dessa agressividade em atividades como trabalhar, por exemplo. No entanto, se não for possível fazer essa integração, esse elemento fará pano de fundo para a timidez ou para o comportamento antissocial.

Discussão

Como vimos anteriormente, Winnicott (2005) aponta o ambiente como fundamental na vida do ser humano. Para ele, a forma como o mundo externo reage às atitudes do sujeito vai influenciar positivamente ou negativamente o seu desenvolvimento emocional.

Se faltarem cuidados maternos e/ou uma figura paterna rigorosa, capaz de impor limites, oferecer contenção e proteger a mãe dos ataques da criança, o indivíduo poderá apresentar comportamentos antissociais, pois a falta dessa disposição do ambiente acarretará à criança o sentimento de insegurança (WINNICOTT, 2005).

A angústia sentida pela criança por não obter um lar seguro pode motivar esperança e fazer com que ela se movimente no sentido de buscar o que falta em outros lugares. Se outros ambientes, para além do núcleo familiar inicial, oferecerem aquilo que faltou, o sujeito poderá com isso se sentir seguro e livre para tomar uma atitude saudável diante da sua agressividade (WINNICOTT, 2005). “A criança cujo lar não lhe ofereceu um sentimento de segurança busca fora de casa as quatro paredes; ainda tem esperança e recorre aos avós, tios e tias, amigos da família, escola. Procura uma estabilidade externa sem a qual poderá enlouquecer” (WINNICOTT, 2005, p. 130).

Se a estabilidade que o sujeito procura for encontrada em tempo oportuno, em outras relações familiares ou na escola, ele poderá retomar o processo de desenvolvimento emocional e caminhar da dependência para a independência. Por outro lado, se não for possível obter a estabilidade, esse sujeito, que tenderá ao antissocial, irá recorrer à sociedade (WINNICOTT, 2005).

Para o autor, a tendência antissocial se estabelece quando o sujeito já alcançou certo grau de maturidade e pode, com isso, perceber falhas no ambiente – falhas que implicam perder algo de bom por um tempo que excede ao suportado. Em outras palavras, a tendência antissocial se dá quando o indivíduo se vê privado daquilo que possuía e era bom (WINNICOTT, 2005).

Para Winnicott (2005, p. 129), o comportamento criminoso se assemelha ao comportamento infantil de se impor e colocar em prática “seu poder de desintegrar, destruir, assustar, cansar, manobrar, consumir e apropriar-se”. No entanto, se tratando de uma criança, esses comportamentos são vistos como normais. Se o ambiente for capaz de suportar essa imposição da criança e, portanto, ela sentir que tem um lar seguro e estável, poderá se tranquilizar e brincar.

Os comportamentos subsequentes à privação do ambiente, que fogem às regras da sociedade, estariam ligados a “uma tentativa de reencontrar o objeto e a experiência que foram perdidos e de reconquistar a autoconfiança” (MEDEIROS; SANTOS; BARBIERI, 2017, p. 279).

A relação mãe-bebê inicial positiva, quando perdida, poderá levar o sujeito a cometer roubos. Isso porque ele se posicionará de maneira a reaver essa experiência ao se apossar de um objeto substituto. “A tendência antissocial, em sua vertente do roubo, estaria relacionada à ausência da figura materna, o que representaria o sentimento de perda de objeto, de forma que a criança não conta com a disponibilidade da mãe e não tem suas necessidades emocionais atendidas” (MEDEIROS; SANTOS; BARBIERI, 2017, p. 279).

Medeiros, Santos e Barbieri (2017) ainda frisam que, no caso de não haver estabilidade no ambiente, o indivíduo a buscará em outros lugares para definir limites e poder, assim, se movimentar, porque, sem esse contorno, a destrutividade poderá se desenrolar como inibição ou comportamento antissocial. Dessa forma, a agressividade estaria ligada à tentativa de buscar limites e contenção naquilo que representa autoridade.

Winnicott (2000, p. 407) afirmou que “a tendência anti-social pode às vezes ser tratada muito facilmente”, se houver um tratamento em conjunto com um bom cuidado ambiental.

O autor considera que a tendência antissocial é caracterizada por um elemento que faz com que o ambiente seja importante. Por isso, no contexto clínico, o paciente, de forma inconsciente, ordena que alguém cuide dele. O analista, por sua vez, deve manejar, tolerar e compreender o impulso inconsciente do paciente (WINNICOTT, 2000).

Assim, segundo Winnicott (2000), o tratamento não se dá propriamente através da psicanálise e, sim, de um ambiente que seja capaz de cuidar satisfatoriamente, no qual o sujeito possa experimentar novamente os impulsos do id e testá-lo. Se oferecida estabilidade ambiental, o indivíduo poderá superar os primeiros estágios do desenvolvimento e alcançar a maturidade.

Conclusão

Pretendeu-se desenvolver uma pesquisa com o tema da criminalidade sob a perspectiva psicanalítica, mais especificamente explorando o conceito de tendência antissocial de D. W. Winnicott. O que leva uma pessoa a cometer um crime foi a questão que motivou o desenvolvimento deste trabalho. Para isso, houve uma elucidação sobre o desenvolvimento

emocional, percorrendo, teoricamente, questões propostas pelo autor sobre a constituição da subjetividade do bebê e a psicodinâmica antissocial.

Dessa forma, foi possível percorrer os caminhos teóricos de Winnicott sobre a tendência antissocial, mostrando que a agressividade não-integrada, assim como a busca pelo objeto bom perdido durante o desenvolvimento emocional do bebê, pode acarretar comportamentos considerados inadequados.

Em ambos os casos, torna-se fundamental a promoção de um ambiente seguro e de confiança para minimizar os efeitos negativos no desenvolvimento emocional infantil.

Por fim, permanecem questionamentos baseados nos achados. Será que a “busca por limites”, citada anteriormente, pode ser correlacionada à prática do crime, em que o sujeito acaba encarcerado, “limitado”?

Ainda, o cometimento de um crime que termina com o envolvimento da segurança pública ou de autoridades de saúde poderia ser um pedido de ajuda através da “contenção por autoridades”?

Assim, reflete-se sobre a possibilidade de prevenção da tendência antissocial através da promoção de um ambiente suficientemente bom para o bebê. Da mesma maneira, seria possível realizar o tratamento clínico da tendência antissocial proporcionando um ambiente psicanalítico suficientemente bom?

Em vista dessas questões, é de extrema relevância a realização de futuras pesquisas sobre o tema, de forma a ampliar o olhar sobre os sujeitos que cometem crimes e os cuidados que podem ser oferecidos a eles.

Referências

DIAS, E. O. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

DIAS, E. O. Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Natureza humana*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 9-48, 2000. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000100001>. Acesso em: 5 fev. 2024.

GIL, A. C. Como delinear uma pesquisa bibliográfica? In: _____. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002. cap. 11, p. 59-86.

GONÇALVES FILHO, C.; PENA, S. A. Criminalidade no Brasil: motivações e percepções multifatoriais. *Revista do Instituto Brasileiro de Segurança Pública*, São José do Rio Preto, v. 4, n. 9,

p. 27-56, 2021. Disponível em: <<https://revista.ibsp.org.br/index.php/RIBSP/article/view/95>>. Acesso em: 5 fev. 2024.

MEDEIROS, A. P.; SANTOS, M. A. dos; BARBIERI, V. Psicodinamismos da tendência antissocial: um estudo transgeracional. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 275-295, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652017000200008>. Acesso em: 5 fev. 2024.

OLIC, T. B. *Família acolhedora: contribuições de Winnicott sobre a importância do ambiente familiar para o desenvolvimento infantil*. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22566>>. Acesso em: 5 fev. 2024.

OLIVEIRA, P. R.; JARDIM, S. C.; TEIXEIRA, E. C. Criminalidade e efeito deterrence no Brasil. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 130-159, 2021. Disponível em: <<https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/1263>>. Acesso em: 5 fev. 2024.

PINTO JUNIOR, A. A.; SILVA, S. M. da. O adolescente em conflito com a lei e a tendência antissocial: compreensão e intervenção à luz da psicanálise winnicottiana. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, São Paulo, n. 17, p. 82-89, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/328183629_O_Adolescente_em_Conflito_com_a_Lei_e_a_Tendencia_Antissocial_Compreensao_e_Intervencao_a_Luz_da_Psicanalise_Winnicottiana>. Acesso em: 5 fev. 2024.

SILVA, C. Y. G. da; MILANI, R. G. Adolescência e tendência antissocial: o rap como expressão de uma privação emocional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, DF, v. 35, n. 2, p. 374-388, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-370301572013>>. Acesso em: 5 fev. 2024.

TOMMASI, M. C. F. O conceito de agressividade na obra de Winnicott. *Infanto: Revista de Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 73-76, 1997. Disponível em: <http://www.psiquiatriainfantil.com.br/revista/edicoes/Ed_05_2/in_13_04.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2024.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>>. Acesso em: 5 fev. 2024.

WINNICOTT, D. W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo (1963). In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 2007. cap. 2, p. 79-87.

WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D. W. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

SANTOS, Stefani Santana dos. Criminalidade sob a Perspectiva de Winnicott. **Id on Line Rev. Psic.**, Fevereiro/2024, vol.18, n.70, p. 205-216, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 19/02/2024; Aceito 26/02/2024; Publicado em: 29/02/2024.